

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES
CURSO DE JORNALISMO

MILENA FEITOSA CAMARGO

TIKTOKIZAÇÃO DO JORNALISMO

SÃO PAULO
2024

Memorial Acadêmico referente ao processo de elaboração e produção do podcast “**Tiktokização do Jornalismo**”, apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do professor Leonardo Sakamoto.

Onde o mundo real se converte em simples imagens, estas simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes típicas de um comportamento hipnótico. O espetáculo, como tendência para fazer ver por diferentes mediações especializadas o mundo que já não é diretamente apreensível, encontra normalmente na visão o sentido humano privilegiado que noutras épocas foi o tato; a visão, o sentido mais abstrato, e o mais mistificável, corresponde à abstração generalizada da sociedade atual.

Guy Debord

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é refletir sobre a influência dos novos formatos de vídeos curtos no jornalismo, especialmente após o surgimento de plataformas como TikTok e Reels. O jornalismo, assim como muitas outras profissões, tem buscado se adaptar a esses novos modelos de comunicação, visando alcançar o público onde ele está.

Contudo, os vídeos curtos não estão isentos de críticas, principalmente no que diz respeito ao seu impacto no desenvolvimento cognitivo de crianças, jovens, adultos e idosos. O consumo excessivo de conteúdo, caracterizado pela produção de dopamina em tempo rápido, tem sido associado à diminuição da capacidade de concentração e ao aumento de problemas como ansiedade e depressão. Além disso, esses formatos favorecem a propagação de fake news, discursos de ódio e conteúdos polarizantes, que tendem a ser mais rapidamente consumidos e compartilhados nas plataformas.

Diante desse cenário, surge a seguinte questão: como o jornalismo pode se inserir nesse ambiente sem comprometer sua função primordial, que é promover um debate público construtivo e contribuir para uma sociedade mais ética e democrática? Este trabalho busca refletir sobre esses desafios, levantando uma análise crítica sobre o impacto dos vídeos curtos na prática jornalística e na formação de opinião.

A pesquisa se concentra também no papel do jornalismo nesse novo contexto e em como ele pode continuar a ser um agente de transformação social, oferecendo conteúdo ético e bem-intencionado, capaz de se perpetuar dentro dessas plataformas e contribuir para um ambiente digital mais saudável e informado.

JUSTIFICATIVA

Desde o segundo ano da faculdade, venho me aprofundando no impacto das redes sociais no jornalismo e, de maneira mais ampla, na sociedade. Antes de ingressar na universidade, eu não tinha plena noção da magnitude que a internet, associada aos novos formatos de mídias sociais, exercia, e ainda exerce, na minha vida e na sociedade como um todo. A partir dos debates filosóficos e reflexivos que encontrei nas aulas, comecei a desenvolver uma consciência mais crítica sobre o mundo digital.

Inicialmente, percebi que o jornalismo, assim como muitas outras profissões, está se adaptando a um novo modo de existir. O impresso e a TV – meios antes tidos como predominantes – estão progressivamente perdendo espaço para o digital, que se consolidou como o novo palco do “debate público”. Em um segundo momento, contudo, percebi que o jornalismo enfrenta dificuldades em se adaptar de maneira eficaz a esse novo cenário virtual, o que tem feito com que, aos poucos, ele perca relevância para as próprias redes sociais. Essa constatação foi crucial para o desenvolvimento do meu interesse por esse tema em geral.

O novo cenário social, em que o debate público é amplamente influenciado pelas redes sociais e ditado por elas, sempre me instigou. De um lado, há a democratização das vozes e dos discursos; do outro, surge a descredibilidade de tudo o que é dito, no contexto da “pós-verdade”. E, além disso, há diversas outras problemáticas que surgem desse fenômeno. Fiquei por um bom tempo refletindo sobre os diferentes aspectos que envolvem essa transformação. Foi somente após a publicação do Digital News Report 2024, lançado pela Reuters em junho deste ano, que minha visão sobre o cenário digital e o jornalismo se afinou de maneira mais clara para esse trabalho de conclusão de curso.

O principal apontamento da pesquisa que me chamou a atenção foi que os jovens estão preferindo consumir notícias por meio de vídeos curtos. Isso me gerou uma curiosidade imediata, pois investir nesses novos formatos de vídeos curtos poderia representar uma oportunidade de inserir o jornalismo de forma mais eficaz nesse novo ambiente digital. Por outro lado, as problemáticas associadas a esses novos formatos – e, principalmente, as dúvidas sobre sua efetividade para a democracia – tornam essa questão ainda mais intrigante.

Faria sentido que o jornalismo tentasse atrair a atenção de um público por meio de dispositivos e formatos que, ao mesmo tempo, podem estar contribuindo para problemas como a dependência digital, a polarização e a diminuição da capacidade de concentração? A verdade é que, independentemente dos benefícios ou malefícios desse ambiente, os jovens estão imersos nele, viciados em consumir algum tipo de conteúdo. Diante disso, essa é uma reflexão complexa, mas, em minha opinião, profundamente pertinente e construtiva.

METODOLOGIA

O primeiro passo da minha pesquisa foi investigar como a estrutura social interage com o meio digital e de que forma as redes sociais impactam o funcionamento de um jornalismo de qualidade. Para isso, me baseei na leitura de obras como A “Superindústria do Imaginário”, de Eugênio Bucci, que oferece uma análise crítica sobre o papel dos meios de comunicação na construção da realidade; “A Sociedade do Espetáculo, de Guy Debord”, que reflete sobre o espetáculo midiático e seus efeitos na percepção pública; e “Descolonizar pelo Afeto”, de Pollyana Ferrari, que me permitiu refletir de forma mais humana sobre os impactos atuais das mídias digitais nas narrativas de identidade e desinformação.

Em seguida, busquei conteúdos mais atualizados sobre o tema, como relatórios relevantes, como o Digital News Report, da Reuters, matérias jornalísticas e notícias de veículos como VOX, BBC e UOL, além de vídeos no YouTube. O programa Deu Tilt, do UOL, foi uma excelente fonte de atualização sobre as tendências digitais mais recentes. Também assisti a palestras e conferências online, além de vídeos com um enfoque filosófico, como os do canal da psiquiatra Maria Homem e do influenciador e crítico social travesti Senhorita Bira.

Simultaneamente às pesquisas teóricas, iniciei as entrevistas. A escolha dos entrevistados foi pautada em sua relevância na área de estudo. Pollyana Ferrari, especialista em desinformação e mídias sociais, trouxe uma visão crítica e atual sobre os desafios do jornalismo em meio às fake news, discursos polarizantes e a importância da educação midiática. André Deak, diretor do programa Café Filosófico da TV Cultura e jornalista, compartilhou reflexões sobre o fazer jornalístico na contemporaneidade. Eugênio Bucci, professor e jornalista, forneceu insights profundos sobre como analisar o cenário digital de maneira crítica e bem fundamentada. Por outro lado, Antoine Murrel, gerente de áudio e vídeo do UOL, e Iberê Thenório, criador do canal do Youtube Manual do Mundo, contribuíram com pontos-chave sobre a experiência prática na produção e disseminação de vídeos curtos.

Essa imersão na pesquisa foi desafiadora, marcada por embates de ideias e pontos de vista que, por vezes, se complementavam e, em outras, se contradiziam. O objetivo foi construir uma narrativa lógica e coerente, que integrasse os dados e as

perspectivas coletadas. A curadoria do conteúdo analisado foi um processo crucial, e a construção do roteiro, que sintetiza todo esse aprendizado, representou um dos maiores desafios, mas também me proporcionou um aprofundamento significativo sobre o tema.

ENTREVISTADOS

- Eugênio Bucci - é professor titular da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (USP), onde leciona tanto na graduação quanto na pós-graduação, além de ser Superintendente de Comunicação Social da universidade. Autor de diversos livros sobre ética jornalística, comunicação pública, informação e democracia, Bucci tem se destacado como um pensador crítico das práticas midiáticas. Entre suas obras, uma das mais conhecidas é "A superindústria do imaginário", que aborda a influência das indústrias culturais na formação da opinião pública e na sociedade contemporânea.
- Pollyana Ferrari - é professora de Comunicação e Multimeios na PUC-SP, onde leciona sobre hipermídia e narrativas transmídias. Ela tem se destacado por suas pesquisas sobre o impacto das tecnologias digitais na sociedade, com ênfase em desinformação e práticas de resistência online. Pollyana é autora de livros como "Descolonizar pelo afeto", "A era do prompt: IA e colonialismo em pleno século XXI" e "Como sair da Bolha", que abordam temas como a desinformação, o colonialismo digital e os efeitos das bolhas informativas nas redes sociais.
- André Deak - é jornalista formado pela Faculdade Cásper Líbero e mestre em Teoria da Comunicação pela USP. Com experiência desde 1999, ele se destaca no jornalismo independente, experimental e em novas narrativas. Deak é professor na graduação da ESPM e foi docente na pós-graduação da FAAP. Além disso, é diretor de documentários e apresentador do programa Café Filosófico CPFL, da TV Cultura. Em 2008, foi premiado com o Prêmio Vladimir Herzog na categoria internet e é um dos fundadores da Casa da Cultura Digital, em São Paulo.

- Antoine Murrell - é graduado em Jornalismo pela ESPM e atualmente ocupa o cargo de Diretor Geral de Conteúdo Audiovisual no UOL. Sua atuação se destaca na inovação digital e na gestão de conteúdo multimídia.
- Iberê Thenório - é apresentador, jornalista e youtuber, conhecido por ser o fundador do canal Manual do Mundo. Iberê se destacou como criador de conteúdo na internet. Além do seu canal, ele fez participações especiais em programas, sites e rádios, como o Programa Amaury Jr., Rádio CBN, Rádio Bandeirantes, R7 (Legendários na Web) e Estadão. Seu trabalho tem sido fundamental na popularização de temas científicos entre o público jovem.

DESAFIOS

Considero que enfrentei quatro grandes desafios ao longo deste trabalho, que merecem ser destacados. O primeiro foi a dificuldade em definir um eixo de pesquisa mais específico dentro do vasto tema do impacto da internet e das redes sociais no jornalismo e na sociedade. Durante muito tempo, explorei diversas frentes de pesquisa, sem conseguir me fixar em um subtema claro. Passei uma boa parte da minha investigação navegando por várias problemáticas do jornalismo digital, até que finalmente consegui delimitar meu foco.

O segundo grande desafio foi a curadoria de pesquisa. Com o enorme volume de conteúdos disponíveis na internet – como materiais acadêmicos, relatórios, notícias, vídeos e artigos –, a tarefa de selecionar os mais relevantes e que se encaixavam com os objetivos da pesquisa foi, no início, bastante estressante. Nesse momento, a orientação de Leonardo Sakamoto foi fundamental. Ele me forneceu um direcionamento inicial valioso, mas, à medida que a pesquisa avançava, tive que desenvolver minha própria capacidade de fazer escolhas assertivas dentro do vasto campo do tema. A decisão de quais fontes e conteúdos explorar foi, sem dúvida, um dos momentos mais difíceis do processo.

O terceiro desafio foi a roteirização. No começo, tive dificuldades para definir o objetivo central deste trabalho. Fiquei um bom tempo refletindo sobre o material que havia estudado e me perguntando: “O que eu faço com tudo isso?”. Não havia uma resposta clara para essa dúvida. Os vídeos curtos apresentavam aspectos prejudiciais em vários níveis, e o jornalismo, por sua vez, precisaria continuar resistindo dentro do ambiente digital. Eu não tinha uma solução definitiva. Foi então que, em uma conversa com o Sakamoto, ele me ajudou a perceber que nem todo trabalho precisa de uma resposta conclusiva. Eu não precisava necessariamente apresentar a solução para os dilemas envolvendo o jornalismo e os vídeos curtos. O meu papel, ao contrário, era levantar questionamentos, refletir sobre as questões e, assim, inspirar outras pessoas a também refletirem sobre o tema. Embora agora pareça óbvio, foi uma virada de chave importante para mim, que me tirou de uma sensação de impasse e me deu clareza sobre a verdadeira natureza da minha pesquisa.

Por fim, o maior desafio de todos foi desenvolver minha identidade como pesquisadora. Criar hábitos que me permitissem entrar em contato com a pesquisa de forma constante foi fundamental, mas também difícil. Desenvolver disciplina para me debruçar sobre a pesquisa cotidianamente e, mais importante, encontrar estratégias para me manter focada ao longo do processo foi um exercício diário.

BASES CONCEITUAIS

A definição dada pela jornalista Cristina J. Orgaz sobre o TikTok, "uma tela de celular, um vídeo vertical e um minuto da sua vida", publicada em uma matéria da BBC News Brasil, reflete, de forma superficial, o que eu costumava pensar sobre essas novas formas de comunicação antes de fazer leituras mais aprofundadas, como A "Sociedade do Espetáculo", de Guy Debord. O livro de Debord foi fundamental para que eu desenvolvesse uma compreensão filosófica mais crítica sobre o impacto dos novos modelos de mídia na sociedade contemporânea. Deixei de entender essas ferramentas apenas à luz de uma percepção imediata e passei a compreender os vídeos curtos como parte de uma engrenagem simbólica, sistêmica e estrutural muito mais complexa, que molda e define a vida social.

Fenômenos como a "holofotografia", memes, desinformação e até discursos de ódio passaram a se revelar em sua complexidade à medida que eu aprofundava minha compreensão dos processos sociais. Com uma visão mais holística, pude perceber como esses elementos estão interligados e são frutos de uma dinâmica simbólica e estrutural que molda as interações e percepções na sociedade contemporânea.

Outra obra crucial para essa reflexão foi "A Superindústria do Imaginário", de Eugênio Bucci, que ampliou minha compreensão sobre o conceito de "olhar". Bucci discute como a imagem e o olhar são usados como ferramentas de trabalho, e essa leitura funcionou como uma chave para entender a dimensão simbólica dos vídeos curtos dentro da sociedade da imagem. As obras de Debord e Bucci, juntamente com o livro "Descolonizar pelo Afeto", de Pollyana Ferrari, foram fundamentais não apenas para minha evolução acadêmica, mas também para o meu crescimento em consciência. Além de me atualizar com exemplificações atuais do cenário da desinformação, discursos de ódio e polarizantes, a obra de Ferrari é carregada de relatos e de experiências pessoais que me permitiram desenvolver ainda mais a empatia e a individuação de forma saudável.

Além dessas leituras, consultei relatórios como o "Digital News Report", da Reuters, para compreender de maneira mais direta e prática o impacto dos vídeos curtos. Também acompanhei notícias e artigos em veículos como BBC News, UOL, Vox,

The New York Times, entre outros, a fim de obter uma visão mais atualizada sobre esse fenômeno da comunicação digital.

Outras leituras como *A Obra de Arte na Época de Sua Reprodutibilidade Técnica*, de Walter Benjamin, também desempenharam um papel indireto, mas significativo, no desenvolvimento deste trabalho. O conceito de "Aura", discutido por Benjamin, me ajudou a compreender que a vida e os objetos em seu estado natural possuem um valor único que não pode ser reproduzido ou substituído por imagens. Isso conecta diretamente com a reflexão sobre os vídeos curtos, que muitas vezes parecem diluir ou fragmentar a experiência autêntica da realidade.

Por fim, a obra *Vigiar e Punir*, de Michel Foucault, com sua teoria do panóptico, me permitiu entender como o sujeito social é controlado por meio de uma vigilância constante, algo que se reflete diretamente na dinâmica dos vídeos curtos e na construção de normas sociais digitais.

Essas leituras e conceitos não são apenas acadêmicos, mas estruturam a base para entender que os vídeos curtos não são um fenômeno aleatório ou sem propósito. Eles fazem parte de uma construção simbólica muito mais profunda, que está intimamente ligada às transformações sociais, culturais e políticas da contemporaneidade.

AGRADECIMENTOS

Meus primeiros agradecimentos vão para Deus, Ogum e Iemanjá, que estiveram sempre comigo, permitindo minha evolução profunda, primeiramente como pessoa, ao longo dos meus anos de universidade. Agradeço aos meus amados avós por todo o amor, carinho e incentivo aos estudos. Sem eles, certamente não estaria escrevendo estes agradecimentos. Agradeço à minha mãe, que sempre me enalteceu e me incentivou a sonhar e a correr atrás dos meus objetivos.

Sou grata ao professor Leonardo Sakamoto, que me orientou com sabedoria, oferecendo conselhos valiosos e me ajudando a aprimorar este trabalho, sempre com diálogo construtivo.

Agradeço aos meus entrevistados pela disponibilidade e generosidade demonstradas diante deste projeto, especialmente à professora Pollyana Ferrari, cujas trocas e insights iluminaram o meu caminho.

Agradeço aos meus amigos de faculdade – Dayres, Henrique, Enrico, Gabrielly e Hadass – pelo apoio, amor e companheirismo durante esses quatro anos.

Sempre imaginei como seria esse momento e me sinto realizada, com profunda gratidão por toda minha trajetória. Deixo, então, esse pequeno pedaço de mim na PUC-SP, com o desejo de inspirar, incentivar e celebrar o começo da minha história.

REFERÊNCIAS

BUCCI, Eugênio. **A indústria do imaginário**. São Paulo. Autêntica. 2021.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Lisboa. Edições Antiáticas. 2005. Contraponto, 2018.

FERRARI, Pollyana. **Descolonizar pelo afeto**. São Paulo: Editora Veríssima, 2024.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. *Digital news report 2023*. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism, 2024. Disponível em: <https://www.digitalnewsreport.org/>.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Editora Vozes. 2014.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. 1955.

LINKS CONSULTADOS:

- O ALGORITMO DA IMAGEM. YouTube. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gjaZ6hSgx4c&t=185s>. Acesso em: 1 set. 2024.
- Vídeos curtos são a principal fonte de informação dos jovens, alerta estudo. 2024. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2024/06/17/videos-curtos-sao-a-principal-fonte-de-informacao-dos-jovens-alerta-estudo.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 18 jun. 2024.
- AFINAL, O QUE É TDAH?. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UPrAkJu9ga4>. Acesso em: 23 set. 2024.
- Design manipulativo: os 'trombadinhas de atenção' das Big Tech. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HOuaWaV3jy0&t=1145s>. Acesso em: 20 set. 2024.

- Dopamine, explained. 2024. Disponível em: <https://www.vox.com/future-perfect/24159087/what-is-dopamine-hacking-fasting-does-it-work-science>. Acesso em: 15 ago. 2024.